

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO IX



COIMBRA / 1960

e Cis'ter as seguintes comunicações apresentadas por Georges Gaillard — *Aspects de Y Art roman au Portugal*; por René Grozet— *Remarques sur Y Architecture cistercienne au Portugal*, e por Dom Maur Cocheril, O. C. — *Les abbayes cisterciennes portugaises au XII<sup>e</sup> siècle*.

No aspecto histórico-filosófico merecem referência o colóquio sobre *Fundamentação do conoeito de História* entre os Professores Francis O'Farrel, da Universidade Gregoriana, e J. P. Bacelar de Oliveira, da Faculdade de Filosofia de Braga, e *Tensão dialéctica da História e pensamento cristão* por Paulo Durão, S. J., Reitor da mesma Faculdade (\*).

Para o êxito deste Congresso, de que foram secretários gerais o Dr. Sérgio da Silva Pinto e o Coronel Baptista Barreiros, concorreram também outras iniciativas culturais promovidas, como uma exposição historiográfica e as visitas ao Museu Pio XII, do Seminário Conciliar, à Capela de S. Frutuoso e acs Paços dos Duques de Bragança e a outros monumentos em Guimarães.

P. AVELINO DE JESUS DA COSTA

## P. Carlos da Silva Tarouca, S. J.

A 3 de Setembro de 1968, entregou a alma a Deus, em Soutelo, junto de Braga, o P.<sup>e</sup> Carlos da Silva Tarouca, S. J., da Academia Portuguesa de História e colaborador desta revista, onde publicou *Manuscritos das Crónicas dos Reis de Portugal na Biblioteca da Casa Cetdaval* (t. 3, pp. S93-6117).

Era um homem alto, nervoso e de vasta cultura, marcado pela confluência de várias civilizações (a eslava, a germânica e a latina). Nasceu na Morávia, em Czech a 18 de Março de 1883, e teve a educação da nobreza austro-húngara do seu tempo.

Pelo pai (o conde Francisco José da Silva Tarouca) descendia

0) Para informações mais desenvolvidas sobre as comunicações deverá consultar-se o *Guia Oficial do Congresso* e a notícia que demos na *Lusitania Sacra*, IV, pp. 248-263..

do fidalgo português D. Manuel Teles da Silva, filho do 4.º conde de Tarouca que, no séc. xviii, se fixou em Viena de Áustria. Mas a mãe (a princesa Gabriela Schwarzenberg) era de sangue germânico.

(Fez os estudos secundários no colégio de Kalksburg (onde mais tarde leccionou) e deu entrada na Companhia de Jesús, na Caríntia, fazendo a profissão solene em Frascati (Roma), a 15 de Agosto de 1930, após ter cursado filosofia em Pressburg e teologia na Universidade de Innsbruck.

Entregue à investigação arquivística, trabalhou em Munique, com o historiador Hartmann Grisar, e na Biblioteca Vaticana, de colaboração com o famoso diplomata Carlos Erdmann e outros eruditos.

E em 1926, foi chamado para a cadeira de história eclesiástica da Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana e, ao fundar-se na mesma Universidade a faculdade de história eclesiástica foi-lhe confiada a cadeira de história da Idade Média.

(Deste período anterior à sua vinda para Portugal, em 1939, datam alguns dos seus trabalhos mais apreciados: *Fontes Historiae Ecclesiasticae Medii Aevi* (Roma, 1930); *Institutiones Historiae Ecclesiasticae. Pars secunda: Ecclesia in Imperio Romano-Byzantino (saec. iv-xv), fase. i*; várias edições críticas, sobretudo de alguns escritos de S. Leão Magno, etc..

Juntamente com Carlos Erdmann e Enrico Carusi, publicou *Pontificum Romanorum Diplomata Papyracea quae supersunt in tabulariis Hispaniae, Italiae, Germaniae, phototypice expressa* (Roma, 1929). E não falamos doutros trabalhos, feitos de colaboração com Bruno Katterbach, A. Pelzer, etc..

Uma vez em Portugal, continuou a investigar e a escrever. É obra sua o *Inventário das Cartas e dos Códices manuscritos do Arquivo do Cabido da Sé de Évora* (Évora, 1946) e foi de quem publicou a *Crónica de D. Dinis* (Universidade de Coimbra, 1947-1950), segundo o texto inédito do Cód. Cadaval 965, e as *Crónica dos sete primeiros reis de Portugal* (Lisboa, 1952).

(Porém, uma grande parte da sua obra acha-se dispersa por várias revistas nacionais e estrangeiras, sobretudo na *Brotéria*, donde extraímos os títulos de alguns artigos: *A conversão dum príncipe protestante alemão e os seus descendentes portugueses. Frederico Guilherme de Holstein e suas filhas* (jt. 28, pp. 520-530); *História da raça — História da família* (t. 30, pp. 47-60, 173-188); *Ante-*

*passados portugueses da Rainha Dona Leonor de Gusmão* (t. 30, pp. 426-443); *O Papa S. Leão Magno* (t. 31, pp. 180-194); *O alferes-mor da restauração* (t. 31, pp. 568-587); *A tragédia dum precursor português de Cristóvão Colombo* (t. 33, pp. 141-150); *A colecção Aguilar no Arquivo Tarouca* (>t. 34, pp. 295-309); *A Graça de Santarem. Fundadores e fundações* (t. 35, pp. 395-413) ; *Conselhos dum Ministro de D. Pedro II para seu filho, Reitor da Universidade de Coimbra* (t. 36, p. 482-498), etc..

Esta actividade alongou-se ainda por vários anos, por vezes com páginas de raro interesse, por exemplo: *Terão aparecido as crónicas perdidas de Fernão Lopes?* (t. 32, pp. 39-59).

QEra um professor de raça (e disso tivemos a experiência, num curso dado por de, na Faculdade de Filosofia de Braga). Nos seus lábios, os assuntos mais áridos e os factos mais distantes de nós, no tempo ie no espaço, adquiriam uma vida extraordinária e *actual*. Devia-se isto à invulgar vibratilidade do seu temperamento, à vastidão dos seus conhecimentos e ao interesse que ele tinha pda Idade Média, onde mergulhava os outros com o ar mais natural deste mundo, como se tratasse duma reportagem dos nossos dias.

Viveu sempre mais ou menos perdido no passado e, des tempos modernos, só vibrava a fundo com a recordação do império austro-húngaro, cuja destruição significava, para ele, uma das maiores desgraças da Europa de após-guerra. E quando, por demasiada velhice, pôs de lado a pena .cansada, consiervava ainda o que constituía o segredo da sua juventude interior e talvez o seu maior encanto: o amor pela música, pelas flores e pelas crianças.

(Portugal contraiu obrigações para com este homem que voltou às origens da sua raça — e as escassas linhas que aqui deixamos destinam-se a pagar, de algum modo, a nossa dívida de gratidão.